

## Dez poemas de Dziga Viértov

### Ten poems by Dziga Vertov

Luis Felipe Gurgel Ribeiro Labaki<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta traduções para o português de dez poemas escritos pelo cineasta Dziga Viértov (pseudônimo de David Ábelevitch Kaufman, 1896-1954), identificados em pesquisas realizadas pelo autor na Coleção Dziga Viértov do Österreichisches Filmmuseum, em Viena, e no arquivo do cineasta no Arquivo Estatal Russo de Literatura e Arte (RGALI), em Moscou. Os textos são acompanhados de uma introdução que os comenta brevemente, além de traçar um histórico da trajetória relativamente recente dos estudos voltados especificamente a esta parte da obra do cineasta.

**Palavras-chave:** Dziga Viértov; Poesia russa; Tradução; Cinema russo; Cinema soviético.

**Abstract:** This article presents a translation of ten poems written by the filmmaker Dziga Vertov (pseudonym of David Abelevich Kaufman, 1896-1954), collected by the author in research conducted at the Dziga Vertov Collection of the Österreichisches Filmmuseum, in Viena, and in the filmmaker's archive in the Russian State Archive of Literature and Art (RGALI), in Moscow. The texts are accompanied by an introduction that outlines the relatively recent history of specific studies on this part of the filmmaker's work, and also present brief commentaries on each poem.

**Keywords:** Dziga Vertov; Russian poetry; Translation; Russian film; Soviet film.

## 1. Introdução

O estudo da poesia escrita do cineasta Dziga Viértov (pseudônimo de David Ábelevitch Kaufman, 1896-1954) é um fenômeno relativamente recente. Sem nunca tê-los publicado em vida, Viértov apenas raramente citava seus versos em artigos ou pronunciamentos. Ausentes na única coletânea soviética de seus escritos, publicada em 1966<sup>2</sup>, seus poemas receberiam um olhar mais atento a partir dos trabalhos de Liév Rochál, autor da biografia *Dziga Viértov*<sup>3</sup> e de um artigo que pode ser visto como um “marco zero” das pesquisas voltadas especificamente à poesia escrita do cineasta: *Stikhí kinopoéta* (Versos do cine-poeta), publicado em 1994<sup>4</sup>. Este representaria um primeiro esforço de análise da evolução de seus poemas – antes abordados sempre pelas

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGMPA-ECA-USP). luis.labaki@usp.br.

<sup>2</sup> VIÉRTOV; DROBACHENKO, 1966.

<sup>3</sup> ROCHÁL, 1982.

<sup>4</sup> ROCHÁL, 1994.

beiradas –, desde os versos escritos na adolescência até as amarguradas reflexões e epigramas dos anos 1940, passando ainda por um importante ciclo do início da década de 1920.

Em estudos e coletâneas de escritos de Viértov publicados em diferentes países a partir dos anos 2000, é notável o aumento da presença de seus versos, ainda que geralmente apresentados em número reduzido.<sup>5</sup> Diante dessa aproximação ainda tímida, é grande a importância do recente estudo *Bumájni Viértov/Tsellulóidni Maiakóvski* (Viértov de papel/Maiakóvski de celulóide), de Aleksánder Prônin.<sup>6</sup> Para além de analisar interseções artísticas e biográficas entre Viértov e Vladímír Maiakóvski e de traçar um itinerário das experiências cinematográficas do autor de *Sobre Isto*, Prônin apresenta o mais amplo estudo sistemático da poesia de Viértov já realizado. Nesse sentido, pode ser útil apresentar aqui a divisão em etapas proposta por ele para essa produção:

Dziga Viértov escreveu versos por mais de meio século. De certo modo, toda essa longa trajetória poética poderia ser dividida nos seguintes períodos:

1. 1903 – verão de 1914 (Bialystok; versos infantis e escolares).
2. Outono de 1914 – 1917 (Petrogrado – Moscou; versos estudantis).
3. 1918 – 1922 (Moscou; versos experimentais, lírica amorosa).
4. 1923 – 1954 (Moscou – Cazaquistão – Moscou; diário lírico, versos para ocasiões específicas, epigramas)<sup>7</sup>.

Detendo-se especialmente nos poemas de juventude de Viértov, escritos antes da Revolução de Outubro, e no conjunto de versos escritos até por volta de 1922, o autor se debruça tanto sobre as possíveis leituras autobiográficas sugeridas pelos materiais como aponta conexões com a obra cinematográfica que o cineasta começava então a construir. Mas não só: lembrando que “o ‘Viértov de papel’ não apenas nasceu antes, mas teve uma vida consideravelmente mais longa do que o Viértov cinematográfico” (PRÔNIN, 2019, p. 73), Prônin busca interpretá-lo – e avaliá-lo, nem sempre de maneira positiva – também estritamente como poeta, levando em consideração que, ao menos até o início de 1918, essa talvez fosse a principal forma de expressão do jovem David Kaufman. O estudo traz ainda uma seleção relativamente generosa e em grande parte inédita) da poesia escrita por Viértov entre os anos de 1918 e 1922. Há, porém, ainda muitos materiais da

<sup>5</sup> Cf. TSIVIAN, 2004, p. 33-35; ÖSTERREICHISCHES FILMMUSEUM; TODE; WURM, 2006, p. 160-165; 170-172; VERTOV, DZIGA; ALBERA; SOMAINI; TCHERNEVA, 2018, p. 89-96. Diversos poemas são também comentados e traduzidos por John MacKay em *Dziga Vertov: life and work. Volume 1: 1896-1921*. Boston: Academic Studies Press, 2018.

<sup>6</sup> PRÔNIN, 2019.

<sup>7</sup> Ibid, p. 73. Tradução nossa. Ainda que bastante pertinente, a divisão proposta por Prônin parece um pouco apressada ao aglutinar em um único período três décadas de produção de versos (1923-1954). Trata-se possivelmente de uma consequência do admitido menor interesse que, talvez injustamente, esses materiais lhe despertaram.

seção “Poemas” do arquivo do cineasta no Arquivo Estatal Russo de Literatura e Arte (RGALI)<sup>8</sup> a serem explorados em estudos futuros, especialmente no que diz respeito à produção de 1923 em diante. Resta esperar por novas pesquisas que joguem luz sobre esses materiais.

A seleção aqui apresentada é parte de uma aproximação ainda inicial com a tarefa de traduzir os “versos do cine-poeta” para o português. Os poemas foram coletados por mim durante visitas ao RGALI, em Moscou, e à Coleção Dziga Viértov do Österreichisches Filmmuseum, em Viena, nos anos de 2016 e 2019. Dos dez apresentados, oito foram escritos entre 1917 e 1921 (ou, ao menos, atribuídos pelo autor a esse período). Já os dois últimos – até onde nos foi possível pesquisar, inéditos até esta publicação – são exemplos de sua produção da década de 1940. Neste trabalho, busquei preservar sempre que possível os efeitos sonoros, as cadeias de associações e o sentido original dos poemas, atento às idiossincrasias da sintaxe de Viértov e às rimas que surgem ocasionalmente nos poemas da década de 1920 e, de forma consideravelmente mais tradicional, nos dois escritos dos anos 1940.

“**Start**” está entre os mais conhecidos e traduzidos poemas de Viértov. Ele é também um dos únicos comentados verso a verso pelo cineasta, ainda que em um texto publicado apenas postumamente<sup>9</sup>. Apesar de atribuído por ele ao ano de 1917, Prônin argumenta em seu estudo que o poema teria sido escrito “não antes do outono de 1922 e, provavelmente, da primavera de 1923” (PRÔNIN, 2019, p. 107). Seja como for, ele de fato concentra, “em uma casca de noz”, alguns dos princípios centrais que guiariam a prática cinematográfica de Viértov dali em diante.

“**Aniversário**” foi datilografado pelo cineasta em maio de 1920, quando ele então contava 24 anos, mas seu segundo verso – “um velho de 23 janeiros” (Viértov fazia aniversário em 02 de janeiro) – parece sugerir que o poema tenha sido escrito ainda em 1919. Na ausência, porém, de um manuscrito anterior ao texto que serviu de fonte para a versão aqui apresentada, preferimos seguir a data gravada no documento. Para além da exposição sarcástica de um estado de estafa – tema recorrente na obra poética de Viértov, sendo central também em “**Colapso**”, escrito no mesmo ano –, o poema contém elementos comuns a outros de seus trabalhos do período, especialmente em sua segunda estrofe: os “vórtices volvidos” que aludem ao próprio pseudônimo do cineasta; o jogo de aliterações de consoantes chiantes; e o tiquetaquear do relógio, que no mesmo ano batizaria o poema “**Tique-taque**”, de tintas dadaístas, e ressurgiria, uma década mais tarde, no Centro da dramaturgia sonora desenhada para a sequência inicial *Entusiasmo: Sinfonia de Donbass* (1930).<sup>10</sup>

<sup>8</sup> A respeito dos conteúdos desta seção e também da existência de poemas em outras subdivisões do arquivo de Viértov no RGALI, ver: LABAKI, 2016, p. 253-255.

<sup>9</sup> Cf. VIÉRTOV In: VIÉRTOV; ICHÊVSKAIA; KRUIKÔVA, 2008, p. 450-451.

<sup>10</sup> VIÉRTOV In: VIÉRTOV; DERIÁBIN, 2004, p. 135-137.

De maneira ainda mais pronunciada do que nos demais poemas aqui reunidos, cada verso de “[**Ocultou-se o zênite...**]” parece sugerir um novo plano cinematográfico em uma sequência de corrida desvairada pelas ruas – já então uma fórmula consagrada no cinema. O fim do “maluco” a dar saltos mortais com seu “violino maravilhoso” sob os olhares dos “chatos de galochas fincadas no chão” é descrito através de imagens em que, assim como em “**Colapso**”, misturam-se engrenagens e corpos humanos (‘as rodas ainda zuniam à toda’; ‘corações e relógios temendo bater’) e distorcem-se as escalas (‘cidades, como bailarinas, nas pontas dos dedos’), encerrando-se abruptamente (‘Pare! seu doido – fim da linha’) com “a roda e o pescoço” a preencher uma tela cortada por “uma diagonal – do trilho”. Trata-se de uma estrutura rítmica que nos remete às “apoteoses visuais” com as quais Viértov encerraria filmes como *Kino- Pravda N°13* (1923) e *O homem com a câmera (Tcheloviék s kinoapparátom, 1929)*, e que surgiram já em um roteiro não realizado escrito em maio desse mesmo ano de 1920, o “Projeto de roteiro a ser filmado durante a viagem do Trem de Agitação *Soviétski Kavkáz*”.<sup>11</sup>

“**Dziga Viértov**”, datado de setembro de 1920, parece representar, como nota Prônin, um momento de renascimento sob um novo nome (ainda que o cineasta, nesse momento, já tivesse adotado seu pseudônimo), uma “autoafirmação”, “a obtenção da possibilidade de se tornar um outro: alguém destemido que encontrou sua força e é capaz até mesmo de alterar o tempo” (PRÔNIN, 2019, p. 102). A cisão em duas partes, divididas por “Mas – dzín – virar discos”, estabelece uma oposição clara entre um “antes” escuro, lúgubre, em tom menor, e um “depois” em tom maior, de sonoridade metálica, pulsante.<sup>12</sup>

O poema seguinte desta seleção, “[**Assobiar...**]”, datado de 8 de janeiro de 1921, sugere igualmente o desaparecimento de uma era. Mas se a ruptura é brusca em “**Dziga Viértov**”, acompanhamos aqui o “tênue / *two-step* dos eventos”. As crípticas “eras na grelha” do poema anterior ganham aqui contornos mais claros em um “funeral de séculos” marcado por imagens do Império Russo, com servidores da burocracia tsarista e “arcebispos com cruzes”. E, emoldurando a passagem a um novo tempo, surge em tom messiânico o cinema – e, em especial, o cinema não ficcional, na figura da cine-crônica. Nesse sentido, o “Novo Cristo Mecânico”, “*Nóvi Khristós-Mekhánik*” no original, parece aludir diretamente ao *kino-mekhánik* – o projetorista – que, olhando “fixamente” através de sua “pálpebra elétrica” (o obturador do projetor?) nos convida: “Entrem”.

<sup>11</sup> VIÉRTOV, Dziga. “Proékt stsenária, prednaznátchennogo k siômke vo vriêmia poiézdki aguitpôezda ‘Soviétski Kavkáz’ in: **Dziga Viértov. Iz Nasliédia. Tom 1**, p. 45-47. Uma tradução para o português pode ser lida em: LABAKI, Luis Felipe Gurgel Ribeiro, Op. Cit., p. 306-311.

<sup>12</sup> Ibid, p. 103.

“**Bocas aos pés das vitrines**” é reproduzido aqui a partir de um dos diários de Viértov. Em 10 de fevereiro de 1927, o cineasta anotou: “Encontrei um excerto de ‘Bocas aos pés das vitrines’. Um trabalho meu com a palavra do ano de 1921”,<sup>13</sup> apresentando na sequência o poema aqui traduzido. Pelas reticências ao final e o aparente fim abrupto de sua quinta estrofe, tudo indica se tratar, de fato, de um fragmento de uma obra maior, cuja continuação talvez tenha sido perdida. O poema foi publicado (ainda que sem seguir a diagramação em “escada”, de evidente inspiração maiakovskiana, presente no manuscrito) na biografia *Dziga Viértov*, de Liév Rochál, que o relaciona às contradições vividas pelo país no primeiro ano da Nova Política Econômica, a NEP.<sup>14</sup> Vale notar que a oposição clara entre o cenário desolador do período da Guerra Civil e a “futilidade” dos *nepmen*, cerne deste fragmento de “Bocas aos pés das vitrines”, seria recorrente também em filmes de Viértov como *Avante, soviète! (Chagai, soviète!, 1926)*, que condena em seus intertítulos o “modo de vida decadente e apodrecido” dos frequentadores de bares e restaurantes noturnos.

Por fim, “[**Meu amigo! És apenas um fracassado**]” e “[**Paródia sobre ‘compadecidos’ e ‘consoladores’**]” são exemplos dos inúmeros versos amargurados escritos por Viértov na década de 1940, lidando diretamente com sua sina profissional. Relegado ao trabalho no burocrático cinejornal *Notícias do Dia (Nôvosti Dniá)*, o cineasta vê seus colegas, por um lado, conseguirem vantagens materiais que lhe eram negadas e, por outro, serem escalados para a realização de prestigiosos filmes. Enquanto isso, o autoproclamado descobridor de novos “cine-países”, “Adão da tribo documentária” (como o cineasta se referiria a si mesmo, jocosamente, em outro poema da mesma época)<sup>15</sup>, era esquecido sem o devido reconhecimento, morrendo de “inanição criativa”.

<sup>13</sup> RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.236, ll.2-3. Este poema é um exemplo de como é necessário, na busca pela poesia escrita de Viértov, olhar para além da seção “Poemas” de seu arquivo no RGALI. Seus diários e cadernos de trabalho, reunidos na seção “Cadernos e Cadernetas” (“Tetrádi i zapisníe knijki”, f.2091, op.2, ed.khr.235-269), contêm ao longo de suas páginas também muitos versos que acabaram não sendo copiados para outro suporte pelo cineasta (ou ainda por Elizaviêta Svílova, sua viúva e primeira organizadora do arquivo).

<sup>14</sup> “Nas cine-crônicas, nos cinejornais desse período, encontramos imagens de pessoas detendo-se diante das vitrines de lojas, em bazares, em barracas de comércio. E bem ao lado, ou próximo a esses quadros, poderia ser colocado um plano de um mendigo de muletas [...]. O país recuperava suas forças. Mas a região do Volga passava fome”. ROCHÁL, 1982, p. 35. É justamente com imagens de crianças famintas em Melekéss, um dos centros da crise, que se inicia a primeira edição do cinejornal *Kino-Pravda*, comandado por Viértov e lançado em 5 de junho de 1922.

<sup>15</sup> Ver o poema “Dokumentálnoi kinematográfii – Dziga Viértov” citado em: VIÉRTOV, Dziga. “Vystupliêníe o tvórtcheskom putí” in: *Iz Nasliédia. Tom 2*, p. 366.

Ambos os textos aparecem em meio a versos soltos, passagens riscadas ou não completadas em páginas dos cadernos que Viértov preenchia com suas reflexões. Considerando que parte considerável da produção desse período não foi “passada a limpo” (poemas copiados para novas páginas sem novas correções, ou mesmo datilografados, são exceções), a identificação de possíveis versões “definitivas” de cada texto se torna por vezes arriscada. Ainda assim, tal como apresentados aqui, os dois poemas nos parecem coesos e interessantes, mesmo que possivelmente inacabados.

Старт<sup>16</sup>

Не Патэ,  
не Гомон.  
Не то.  
Не о том.  
Ньютоном  
яблоко  
видеть!

Миру – глаза!  
чтоб обычного пса  
Павловским  
оком  
видеть.

КИНО ли кино?  
Взорвать кино,  
чтобы КИНО  
увидеть.

Start

Nem Pathé,  
nem Gaumont,  
Nem isso.  
Nem sobre isso.  
Ver  
a maçã  
como Newton!

Ao mundo – olhos!  
para qualquer cão  
Com olhar  
pavloviano  
ser visto!

É CINEMA o cinema?  
O cinema detonar,  
para o CINEMA  
avistar.

<sup>16</sup> Fonte: Manuscrito sem data preservado no RGALI, f.2091, op. 2, ed. khr.226, l.92. Último poema do documento, “Start” parece ter sido escrito em uma folha solta de um bloco de notas.

**ДЕНЬ РОЖДЕНИЯ**<sup>17</sup>

Изорван, измолот, высосан,  
 23-х январский старик,  
 Крокодилу-жизнь высуну  
 - На! –  
 великолепный язык.  
 Навязали: живи чучело.  
 Ладно – трам-там та-та там.

Вихри вертел. Раскручивал.  
 Время – тик-так – к чертям.  
 Растратил, раздарил курочкам  
 Каждой мяса и души кусок.  
 Не жалко – берите дурочки –  
 Чмок-чмок-чмок.

Надоело. Ну их. Вынырну.  
 Кому за жизнь авансовый отчет.  
 Я вчера свою душу выменял  
 На игрушку нечет-чет.

V-20 г.

**ANIVERSÁRIO**

Rasgado, sugado, moído,  
 um velho de 23 janeiros,  
 mostro ao crocodilo-vida  
 - Ó! –  
 uma língua bem comprida.  
 Impuseram: viva, espantinho.  
 Muito bem: tram-tam tata-tam.

Vórtices volvi. Rodopiei.  
 O tempo – tique-taque – pro diabo.  
 Desperdicei, dei às galinhas  
 De carne e alma uma porção.  
 Sem pena – peguem, tolinhas –  
 Nhão-nhão-nhão.

Chega. Deixa pra lá. Eu me viro.  
 Para quem dou o aviso prévio da vida?  
 Ontem fui minha alma trocar  
 Por um joguinho de ímpar ou par.

V-20

<sup>17</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed. khr.230, l.2. Texto datilografado. Datado de maio de 1920.

**Тик-так<sup>18</sup>**

Изощряться  
на задних лапах стол  
реверансам.  
Стулья ножками  
- щенки в воде.  
Тюфяк, ковры, подушки  
- рвань вся –  
цепелинчиками безносыми.  
Из глаза кий вылез:  
ЭЙ, ЖЕЛАЮЩИЕ В БИЛЛИАРД.  
Смеяться существительные :  
– Нос какой!  
Продается нос за миллиард! –  
И даже часам стало мало тикать  
- не выпихнуть лая никак.  
Качаться лампа одноглазым маятником:  
Тик-так.

VIII – 20

**Tique-Taque**

Exibir-se  
nas patas traseiras a mesa  
às reverências  
Os pés das cadeiras  
como filhotes n'água.  
O colchão, tapetes, travesseiros  
– os panos todos –  
zepelinzinhos desnarigados.  
Um taco brotou do olho:  
EI, QUEM TOPA UM BILHAR?  
Rir-se substantivos:  
– Que narigão!  
Vende-se nariz por um bilhão! –  
E bater, pro relógio, deixou de bastar  
– dele, latido não há o que saque.  
Balançar-se lâmpada, pêndulo caolho:  
Tique-taque.

VIII-20

<sup>18</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.230, l.17. Texto datilografado. Datado de agosto de 1920.

**СРЫВ<sup>19</sup>.**

Прилип земле кладбищем.  
 Спина – тысяча разрытых могил.  
 Голова –  
 разве есть у меня она еще –  
 танцевальная высеченных горилл.  
 Навсегда захлопнулись клапаны  
 крышками трехаршинных гробов.  
 Конвульсиями аэропланы лапы  
 скрипипеть над расколотым лбом.  
 Задышаться легкие от ругани.  
 Кровохарками маховое колесо.  
 Эй  
 Качайте вольтовы дуги все  
 выбрасывая гениальный сор.

VIII – 20.

**COLAPSO.**

Colado à terra feito cemitério.  
 A coluna: mil túmulos escavados.  
 A cabeça –  
 se é que ainda a tenho –  
 um baile de gorilas fustigados.  
 Nas válvulas não resta fresta,  
 Cerraram-nas longos caixões.  
 Convulsionando, patas de aviões  
 A guinchar sobre a cindida testa.  
 Sufocar os pulmões em desaforos.  
 Cospe sangue o volante do motor.  
 Ei  
 Balancem os arcos voltaicos todos  
 soltando sujeira, um primor.

VIII – 20.

<sup>19</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed. khr.230, l.23. Datado de agosto de 1920.

[Зенит увлекся...]<sup>20</sup>

Зенит увлекся лестницей под арками.  
 Скрипка души крыльями плеч выше.  
 До горизонта человеки каркают:  
 Куда несет его?  
 Тррр..!  
 Сумасшедший!  
 Банными листьями земле прилипли:  
 «Можно ли сумасшедшим платить жалованье»  
 Над котелками и цилиндрами стосаженными  
 жаворонками

Мертвые петли чудесной скрипки.

Колеса вертелись полным звоном еще  
 когда вдребезги скрипка крикнула.  
 Города, как балерины, на пальцев кончики.  
 Сердца и часы боятся тикать.  
 Десять пальцев протянулись молниями.  
 Стоп! уродище – конец рейса.  
 Колесом и шеей экран заполнен.  
 В прямоугольнике диагональ – рельса.

VIII – 20 г.

## [Ocultou-se o zênite...]

Ocultou-se o zênite na escada sob os arcos.  
 O violino da alma, alado, acima dos ombros.  
 Até o horizonte crocita gente:  
 Vai tirar o pai da força?  
 Тррр...!  
 Maluco!  
 Chatos de galochas fincadas no chão:  
 “E pode-se pagar ordenado a malucos?”  
 Sobre chapéus-cocos e cartolas como cotovias  
 de mil léguas

Saltos mortais do violino maravilhoso.

As rodas ainda zuniam a toda  
 Quando o violino com tudo berrou.  
 Cidades, como bailarinas, na ponta dos dedos.  
 Corações e relógios temendo bater.  
 Dez dedos se esticam feito relâmpagos.  
 Pare! seu doido – fim da linha.  
 A roda e o pescoço preenchem a tela.  
 No retângulo, uma diagonal – do trilho.

VIII- 20

<sup>20</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.230, l.15. Poema sem título, datado de agosto de 1920.

**ДЗИГА ВЕРТОВ<sup>21</sup>**

Здесь ни зги  
 - верите –  
 веки ига и  
 гробов вериги.  
 Просто ветров  
 Гибель  
 века на вертел.

Но-дзинь – вертеть  
 диски.

Гонг в дверь аорт  
 и – О-ГО-ГО-АВТОВИЗГИ.  
 ВЕРТЕП РТОВ  
 ДЗИГА ВЕРТОВ

IX-20.

**ZIGA VIÉRTOV**

Zero visível  
 – averigue –  
 celha de jugo e  
 de covas vergasta.  
 De ventos apenas  
 ruína  
 as eras na grelha.

Mas – dzín – virar  
 discos.

Gongo no vão da aorta  
 e – O-HO-HO–AUTOZUNIDO  
 COVIL DE BOCAS  
 DZIGA VIÉRTOV

IX-20

<sup>21</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.230, l.39.

[Посвистывать...]<sup>22</sup>

Посвистывать  
хроника смерти  
листьями.

Тускло  
ту-степ событий.

Похороны столетий:  
Хрестоматии « ятями»  
Статские хлыстиками,  
архиепископы крестами:  
«аллилуйя, аллилуйя глас осьмый».

И сквозь  
глисты кротости  
о расстрелянном приставе  
кисти  
рук анархиста,  
и сквозь  
тусклые соты тоски  
Новый Христос-механик  
Пристально  
электрическим веком:

«Войдите.»

10/I-21 г.

## [Assobiar...]

Assobiar  
crônica da morte  
em folhas.

Tênue  
two-step dos eventos.

Funeral de séculos:  
Manuais com *iáts*<sup>23</sup>  
Servidores com açoites,  
arcebispos com cruzes:  
“aleluia, aleluia a oito vozes”.

E por entre  
vermes da mansidão  
pelo oficial fuzilado  
pincéis  
das mãos do anarquista  
e por entre  
baços favos de fastio  
um Novo Cristo-Mecânico  
fixamente  
por uma pálpebra elétrica:

“Entrem.”

10/1-21

<sup>22</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.230, l.60. Poema sem título, datado de 10 de janeiro de 1921.

<sup>23</sup> *Iát* (Ѣ): letra do alfabeto cirílico abolida na Rússia pela Reforma Ortográfica de 1917-1918.

**Рты у витрин<sup>24</sup>****Bocas aos pés das vitrines**

	1.		1.
Поле		Terra	
голо.		desnuda.	
Тел		Nevasca	
метелица.		de torsos.	
год		O ano	
тельцем		esquálido	
в гроб		na tumba	
лег.		deitou.	
	2.		2.
Го –		Fo –	
– лод		– me	
до –		in –	
– лог.		– fa	
	3.		3.
Горы		Montes	
горя.		de luto.	
Город		Cidade	
радугой.		cintila.	
<u>Горем</u>		Desolado	
горю		ardo	
городам		com as cidades	
в упор.		à queima-roupa.	
	4.		4.
НЭП(!) твою		NEP (!) que se lasque	
кафэ-катафалк		café-catafalco	
конфект		de confeitos	

<sup>24</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr. 236, ll.2-3. Manuscrito com a data de 10 de fevereiro de 1927.

и фиалок  
 фиакр.  
 Детского  
 крика  
 осколок –  
 в кадык!

Торты-то  
 из горла  
 вы-та-щи!

5.

Рты  
 у витрин...

e fiacres  
 de flores.  
 Lasca  
 de grito  
 de criança –  
 na goela!

E as tortas  
 da garganta  
 vê se arranca!

5.

Bocas  
 aos pés das vitrines...

**[Мой друг! Вы просто неудачник]<sup>25</sup>**

П.: Мой друг! Вы просто неудачник  
дурак, во всем виновный сам.  
Нет ни авто у Вас, ни дачи.  
Вы – очень скверный коммерсант.

Д.: Я только лишь изобретатель –  
искатель новых киностран.  
А Вы – делец, приобретатель,  
Внесенный блатом к небесам.

Мне ли завидовать незрячим:  
Не нужен мне наживы хлам.  
Я – киноглаз. Моя задача –  
Построить киноправды храм.

**[Amigo! Você é apenas um fracassado]**

P<sup>26</sup>.: Amigo! Você é apenas um  
Um tolo – e a culpa é sua, e só.  
Sem automóvel, sem casa de campo,  
Seu comércio é ruim de dar dó.

D.: Eu sou apenas um inventor,  
Cinepaíses novos eu encontro.  
Já você é um reles comprador  
Mas tem costas quentes – então, pronto.

Por que invejar um sem-visão?  
O lucro me é uma futilidade.  
Sou o cine-olho. Eis minha missão:  
Erguer o templo da cine-verdade.

<sup>25</sup> Fonte: Poema manuscrito, sem data. Coleção Dziga Viértov, Österreichisches Filmmuseum, documento V0004, verso da folha. Um manuscrito diferente deste mesmo poema, com pequenas diferenças, pode ser encontrado no RGALI, f.2091, op.2, ed. khr.234, l.12ob.

<sup>26</sup> É possível que “P.” se refira a *priobretátel*, traduzido aqui como “comprador” – maneira pela qual Viértov se refere a seu interlocutor. Na dúvida, porém, mantivemos na tradução o “P” do original, ao invés de substituí-lo por “C” (de ‘comprador’).

**Пародия на «сочувствующих» и  
«утешающих»<sup>27</sup>**

Все хорошо, счастливец Дзига.  
И хороши у Вас дела.  
Ваш метод жив. Супруга Лиза  
Его к другим перенесла.  
И будь то фильм. И будь то очерк.  
Будь то Войтехов, иль Кармен.  
Везде Ваш стиль, везде Ваш почерк.  
И волноваться незачем.  
Все хорошо. Прошли невзгоды.  
Волнует фильм «Освенцим».  
И свиловские: «Суд народов»,  
и (вместе с Райзманом) «Берлин».  
Ваш путь был чист и непорочен.  
Путь киноправды и поэм.  
Пожать Ваш метод каждый хочет.  
И волноваться незачем.

**Paródia sobre "compadecidos" e  
"consoladores"**

Está tudo em ordem, sortudo Dziga.  
E seus negócios estão em paz.  
Seu método vive. A esposa Liza<sup>28</sup>  
O espalhou entre os demais.  
E seja em filme ou reportagem,  
Seja Voitiékhov<sup>29</sup> ou Karmén<sup>30</sup>,  
Estão lá seu estilo, firma, imagem  
Fique tranquilo – está tudo bem.  
Está tudo em ordem. Sem sustos novos.  
Nos emociona *Osviéntsím*<sup>31</sup>, sim.  
Também de Svílova, *O tribunal dos povos*<sup>32</sup>  
e (junto com Ráizman) *Berlim*<sup>33</sup>.  
Seu caminho foi puro, imaculado.  
Cine-verdade, poesia e além.  
É por todos seu método apropriado  
E fique tranquilo – está tudo bem.

<sup>27</sup> Fonte: RGALI, f.2091, op.2, ed.khr.232, l.54. Poema manuscrito. A julgar pelos filmes citados ao longo do poema (ver notas abaixo), escrito não antes de 1946.

<sup>28</sup> Trata-se de Elizaviêta Svílova (1900-1975), esposa de Viértov e sua grande parceira criativa desde que começaram a trabalhar juntos, em 1922.

<sup>29</sup> Borís Ilítch Voitiékhov (1911-1975), escritor e roteirista.

<sup>30</sup> Roman Lázarevitch Karmén (1906-1978), renomado cinegrafista e documentarista.

<sup>31</sup> *Osviéntsím* (1945), curta-metragem dirigido por libertação do campo de concentração de Auschwitz pelo Exército Vermelho.

<sup>32</sup> *O tribunal dos povos* [*Súd narôdov*, 1946], longa-metragem dirigido por Svílova e Román Karmén sobre os Julgamentos de Nuremberg.

<sup>33</sup> *Berlim* (1945), longa-metragem de Iúli Ráizman sobre a marcha do Exército Vermelho sobre a capital alemã em 1945. Svílova foi uma das três montadoras do filme, ao lado de Irina Siêtkina e T. Likhatchiôva.

## Referências

LABAKI, Luis Felipe Gurgel Ribeiro. **Viértov no papel**: um estudo sobre os escritos de Dziga Viértov. Orientador: Eduardo Victorio Morettin. 2016. 586 f. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2016. Versão eletrônica. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-10032017-160430/publico/LUISFELIPEGURGELRIBEIROLABAKI.pdf>.

MACKAY, John. **Dziga Vertov**: life and work. Volume 1: 1896-1921. Boston: Academic Studies Press, 2018.

ÖSTERREICHICHES FILMMUSEUM; TODE, Thomas; WURM, Barbara (Org.). **Dziga Vertov. Die Vertov-Sammlung im Österreichischen Filmmuseum**. Viena: SYNEMA, 2006.

PRÔNIN, Aleksánder. **Bumájni Viértov / Tselulóidni Maiakóvski**. Moscou: Nôvoe Literatúrnoe Obozriênie, 2019.

ROCHÁL, Liév. **Dziga Viértov**. Moscou: Iskústvo, 1982.

\_\_\_\_\_. Stikhí kinopoéta. **Kinoviédtscheskie Zapíski**, n. 21, 1994, p. 80-96.

TSIVIAN, Yuri (Org.). **Lines of Resistance: Dziga Vertov and the Twenties**. Pordenonne: Le Giornate del Cinema Muto, 2004.

VERTOV, DZIGA; ALBERA, François; SOMAINI, Antonio; TCHERNEVA, Irina (Org.). **Dziga Vertov: Le Ciné-Oeil de la Révolution. Écrits sur le cinéma**. Dijon: Les Presses du Réel, Österreichisches Filmmuseum, 2018.

\_\_\_\_\_; DERIÁBIN, Aleksánder (Org.). **Dziga Viértov. Iz Nasliêdia. Tom 1. Dramaturguítcheskie Ópyty**. Moscou: Eisenstein-Tsentr, 2004.

\_\_\_\_\_; DROBACHENKO, Serguei (Org.). **Statí. Dnevníkí. Zámysly**. Moscou: Iskústvo, 1966.

\_\_\_\_\_; ICHÊVSKAIA, Svetlana; KRUIKÔVA, Dária (Org.). **Dziga Viértov. Iz Nasliêdia. Tom 2. Statí i vystupliênia**. Moscou: Eisenstein-Tsentr, 2008.